



POETAS ESQUECIDOS DO SERTÃO: UM OLHAR SOBRE A POESIA POPULAR.

Francisco Anizeuton de Souza Leite

(Escola de Ensino Médio Josefa Alves Bezerra – josefabezerra@escola.ce.gov.br)

INTRODUÇÃO

O mundo tecnológico e globalizado em que vivemos tem dado pouco espaço para a conversa olho no olho, para a tradição oral das contações de histórias, para o repente e para a poesia popular. Por isso, pretende-se lançar um olhar sobre a poesia popular e rememorar os poetas cearenses Patativa do Assaré (Antonio Gonçalves da Silva) e Cego Aderaldo (Aderaldo Ferreira de Araújo). A valorização da vida e da obra desses poetas enriquece a literatura brasileira, reforça o cunho regional, histórico e social presentes nos escritos desses poetas e os coloca em pé de igualdade com os poetas que compõem o “canon” da poesia nacional.

A escassa reprodução de textos de Literatura Popular nos livros didáticos, a falta da disciplina Literatura popular nos cursos de Licenciatura Plena em Letras nas principais Universidades do país, a míngua utilização da poesia popular em sala de aula bem como a pouca valorização da poesia popular e os Patativa do Assaré e Cego Aderaldo motivaram o estudo em questão. Um convite à reflexão sobre a poesia popular e o resgate da vida e da obra dos poetas Patativa do Assaré e Cego Aderaldo.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a poesia popular e os poetas do sertão cearense Patativa do Assaré e Cego Aderaldo. Os objetivos específicos são: identificar a vida e a obra dos poetas Patativa do Assaré e Cego Aderaldo, compreender como a utilização da poesia popular no ambiente escolar pode ser uma prática exitosa e descrever como as obras dos poetas ditos populares constitui um importante instrumento para a valorização da cultura. As obras desses poetas sertanejos contam a história de um povo e suas conquistas e mazelas.

Durante a pesquisa a análise detalhada das obras dos poetas populares cearenses – Patativa do Assaré e Cego Aderaldo – pode-se verificar que elas têm constituído um importante instrumento para a valorização da cultura. O aluno ao ser privado ao acesso a literatura popular, a saber, o cordel, o repente, a embolada e os demais gêneros, o aluno termina por não conhecer a diversidade da poesia e a manifestação cultural da sua própria região.





VII ENLIJE

No presente trabalho, utilizar-se-á, quanto à natureza, a pesquisa básica, quanto a abordagem do problema a pesquisa qualitativa, quanto aos objetivos utilizar-se-á a pesquisa exploratória e quanto aos procedimentos e técnicas a pesquisa é bibliográfica. Através delas pretende-se enveredar por caminhos antes percorridos por outros autores e lançar um novo olhar sobre a poesia popular e sobre vida e os escritos dos poetas populares Patativa do Assaré e Cego Aderaldo.

A presente pesquisa está apoiada principalmente nos teóricos e defensores da Literatura Popular Leonardo Mota (2002), Gilmar de Carvalho (2002) e Hélder Pinheiro Alves (2004) pesquisadores da literatura do chão do sertão. Garimpeiros dos tesouros escondidos da literatura popular. Pedra preciosa que muitas vezes já foi tratada como bijuteria. Ouro jogado fora como cascalho.

Os escritos desses pesquisadores serão a bússola que guiará essa pesquisa sobre os poetas do sertão e o esquecimento da sua poesia. Uma poesia que é o retrato do sertão e do sertanejo. Que mostra as belezas e as riquezas da cultura popular.

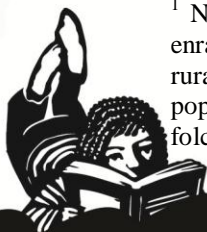
A poesia popular

Poesia popular é toda poesia que nasce no seio do povo, que faz parte da língua falada e escrita da gente de uma nação. Poesia presente nas rodas de conversa, nos versos improvisados, nos cantores de viola nas feiras e festivais. Presente também nos folhetos de cordel, nas adivinhas, nas debulhas de feijão, nas embolada entre tantas outras manifestações culturais que compõem o universo rico e encantado da poesia popular. Poesia repleta de rima, ritmo e estética própria.

A poesia popular, enquanto texto escrito – folhetos – com bases nos estudos de Silvio Romero¹ chega ao Brasil no século XVIII. Vale frisar aqui a expressão – texto escrito – uma vez que não se pode negar que a cultura indígena era repleta de poesia, mesmo que essa poesia não fosse grafada. A poesia ultrapassa os limites da escrita e do dizível. Antes dos colonizados chegarem ao Brasil já existia aqui poesia; não reconhecer isso é esquecer as contribuições do índio na formação do povo brasileiro.

A poesia, nas sociedades tribais ou primitivas, encontra sua alta forma de expressão através do lendário e da mitologia que informa sobre o modo como surgiram, incluindo-se, aí, a terra, os bichos, as águas, os homens, seus

¹ No século XVIII o Brasil passava por um processo de identidade nacional. E a identidade nacional estaria enraizada nas tradições folclóricas. Era preciso entrar em contato como as pessoas simples que moravam na zona rural, pois elas seriam as guardiãs da cultura. O pesquisador Silvio Romero foi a campo estudar as tradições populares. Ele escreveu vários livros tratando de assuntos ligados a cultura popular e mostrou-se um grande folclorista.





VII ENLIJE

deuses e seus heróis. Aliada ao sonho e à natureza de que se alimentam as visões de que se alimentam as visões e a fantasia, ela traduz a sabença que intui dos mistérios, dos valores e das grandezas físicas do Universo. A linguagem é indireta ou metafórica, mas sua qualidade poética reside, sobretudo, na adequação do linguajar da criança ao senso de medida que empresta aos fatos narrados uma situação mágica da própria realidade. Melhor explicando, as noções convencionais de espaço e de tempo, peso e volume, se anulam face ao imaginário acumulado e transmitido pelos narradores de estórias. Os índios, assim, representam o pleno exercício físico e vocal da poesia, antes da cultura e da palavra escrita. (TUFIC, 2002, p. 19-20)

A poesia popular tem beleza e riqueza cultural e remonta aos primórdios da humanidade. O termo muitas vezes é utilizado para se referir a algo sem valor ou um trabalho feito por alguém ingênuo, rude e simples. Isso é fruto de um pensamento burguês que insiste em ver a cultura popular com preconceito e olhar de desdém.

Gilmar de Carvalho, ao se referir aos versos rimados de Expedito Sebastião da Silva, faz uma ressalva ao empregar o termo poeta popular. “O que ele é mesmo é poeta popular ou poeta e dos bons. O popular fica por conta de um preconceito de pessoas que se dizem intelectuais e em insistem em rótulos que são disfarces para os preconceitos e posições elitistas.” (CARVALHO, 2001, p. 13).

Para quebrar os preconceitos estabelecidos sobre a poesia popular Mota (2002), aconselha: Se vocês desejam poesia de verdade, entrem nos rincões do sertão, adentem a casa dos sertanejos, converse com eles. Escute as histórias contadas à beira de uma fogueira. Veja, escute, leia e escreva a poesia que sai da boca do povo.

Poesia Popular na sala de aula: uma pedra preciosa

A utilização da poesia popular em sala de aula é uma experiência que pode render frutos e promover o resgate cultural da comunidade. As histórias, as cantigas, as trovas, o folhetos, as xilogravuras, a cantoria entre outros gêneros da literatura popular retratam a história e revelam a identidade e diversidade de um povo. Uma teia de conhecimentos que enriquecem a aprendizagem dos alunos.

Os professores perdem uma excelente oportunidade de trabalharem a oralidade, a leitura e a escrita com os alunos através de poemas, histórias, cantigas de rodas, canções entre outros gêneros textuais que certamente despertarão nos educandos o anseio e a sede pelo conhecimento, pois esses gêneros textuais fazem parte do contexto social em que os mesmos estão inseridos.

A tradição oral, que permeia toda a nossa cultura com suas manifestações artísticas ligadas, principalmente, à literatura popular, é um campo amplo de

(81) 3322-3223
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

trabalho na sala de aula, visto que podemos explorar tanto as expressões já existentes e reconhecidas pela tradição (cocos de roda, repentis, canções e contos), como o conhecimento de mundo do aluno. (ALVES, p. 107, 2004)

A escola é um local de reflexão, estudo e declamação da poesia popular. Local de encontro de professores, alunos, artesãos, repentistas, contadores de história. A escola deve então retratar a comunidade em que está inserida e valorizar as pessoas que a compõe.

Esses “artistas” da cultura tradicional - o contador de histórias, o repentista, a aboiadeira- podem ser reconhecidos ou não pela comunidade, mas sabem da sua função como transmissores dos saberes populares, de uma certa cultura que tem estado em um certo “sufocamento” por parte da atual cultura de massa. Mostrar a importância da continuidade dessa arte, enfatizando o fato de que esta não está em um processo de esgotamento ou morte, deve ser, portanto, uma das tarefas mais importantes em um trabalho com crianças e adolescentes em sala de aula. (ALVES, 2004, p.108)

A presença desses artistas no chão da escola torna ainda mais viva a cultura popular e acenda no coração dos educando o respeito, a valorização e a vontade de preservar a tradição. A escola se torna um espaço de acolhimento, respeito a diversidade. As aulas se tornam mais dinâmicas e o aprendizado concreto e repleto de sentido. A literatura popular é rica, bela e repleta de encantos. Riqueza que pode ser vista nos mais diversos recantos do sertão, em especial na zona rural, local que se consegue preservar com maior empenho as manifestações populares.

O escritor e defensor da cultura popular, Hélder Pinheiro Alves (2008), relata que quando criança se encantava com os versos de cego Aderaldo, com os cantadores de viola, os emboladores de coco, os vendedores de folhetos (cordel) e as narrativas das histórias de João Grilo e Pedro Malasartes. Versos cantados por pessoas pobres, simples, na zona rural, nos encontros noturnos para debulhar feijão, reclamar do inverno que tardava em chegar ou contar histórias. Alegria é a palavra usada pelo escritor ao recordar desse tempo.

Em paralelo a essa narrativa, o mesmo Hélder Pinheiro Alves (2008), relata que todo esse tesouro que escutava em casa, em rodas de conversas com vizinhos ou com os amigos, passava longe da escola. Um tesouro que nunca foi descoberto na sala de aula e que vivia distante das estantes e dos conteúdos ministrados pelos professores.

Nos anos de escola toda essa vivência (literatura popular) foi cruelmente apagada. Sequer se cogitava que aquela rica experiência poderia ser considerada literatura de valor para ser levada à sala de aula. Mas os tempos mudam e em muitos aspectos, se tornam mais democráticos. Preconceitos erigidos como gosto estético caem e novos sentidos emergem de obras e autores que sempre estiveram à margem. (ALVES, 2008, p. 35)





VII ENLIJE

Faz-se necessário mudar a realidade descrita acima e fazer com os poetas populares assumam o seu lugar de direito na literatura brasileira, que sempre os viu como poetas inferiores e sua poesia como ingênua, rude e simples.

A poesia popular na universidade e no livro didático: Uma discussão interessante

Segundo a professora Morgana Ribeiro dos Santos (2014), quase não existe nos livros didáticos no Ensino Fundamental textos referentes a poesia popular nas coleções que a mesma analisou ao realizar a sua pesquisa de doutorado. O cordel passa longe das páginas dos livros didáticos. Após a análise cuidadosa dos livros didáticos, a professora concluiu:

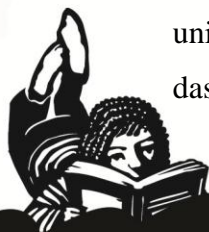
Este trabalho, que corresponde ao início de uma pesquisa de doutorado, já reforça a hipótese de que a literatura de cordel, a despeito de sua riqueza linguística e cultural, não recebe o merecido tratamento nos livros didáticos destinados aos alunos do Ensino Fundamental. (SANTOS, 2014, p.11)

Os poucos livros que trazem a literatura popular em suas páginas, a abordagem metodológica é desastrosa. Entre outras coisas, pedem que o aluno passe a fale do poeta popular para a norma culta. Um verdadeiro desrespeito para com o poeta e com a estética do poema.

Já nos cursos de Licenciatura em Letras pouco tem espaço para a literatura popular. Essa ideia é reforçada com o trabalho de Josivaldo Custódio da Silva: O Ensino de Literatura Popular no Curso de Letras em Instituições Públicas do Nordeste. A pesquisa de Josivaldo constatou que mais de 50% dos cursos de Letras das Instituições Estaduais e Federais do Nordeste não oferecem a disciplina de literatura popular no seu currículo. E as que oferecem, o fazem como disciplina optativa.

Por tudo isso é que há uma preocupação de existir, na graduação em Letras, a disciplina Literatura Popular para que os graduandos (futuros professores) consigam entender a estética e o processo de construção dessa literatura que é responsável por grande parte da nossa memória e identidade cultural. Pelo que foi observado anteriormente, até onde pesquisamos, vimos que a maioria dos cursos de Letras do Nordeste não tem o compromisso com o ensino da Literatura Popular, nem como optativa e nem como obrigatória. Isso revela o quanto nossos cursos de Letras não dialogam o erudito com o popular; na perspectiva da literatura, esses cursos não põem em prática a interculturalidade e a “circularidade cultural” proposta por Bakhtin (SILVA, 2013, p. 102).

A universidade, cuja origem em latim *universitas*, significa conjunto, totalidade, tem uma postura que não condiz com o seu significado. A poesia popular fica fora dos muros da universidade, do academicismo enraizado e do saber elitizado. Falar dos poetas populares e das produções literárias que não surgem nos espaços fechados das instituições oficiais de





VII ENLIJE

ensino soa como uma “ofensa” ou uma desvalorização do saber científico. Saber que passa pelas etapas da observação, formulação, experimentação e comprovação. Os espaços de produção e divulgação da poesia popular estão cada vez mais escassos.

A literatura acerca da poesia popular é vasta, porém pouco difundida. Muitas vezes os escritos relacionadas a literatura popular não adentra os muros da Universidade para atingir os alunos universitário, futuros professores, e a comunidade em geral. É preciso transpor os muros da Universidade para que as pesquisas de literatura popular cheguem aos mais diversos públicos e lugares.

Enfim, é preciso unir as literaturas popular e erudita e não uma ficar medindo forças com a outra. Ganha a literatura, os professores, alunos e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Hélder Pinheiro (Org). **Território da linguagem**. Campina Grande: Bagagem, 2004.

_____ **Tesouros da poesia popular para crianças e jovens**. Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular - Londrina: número 5 – jan - jul de 2008. Disponível em: http://magnetesrvk.no.ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_tesouros_poesia_popular_a.pdf. Acesso em: 31 de agosto de 2016.

CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravura – Doze escritos na madeira**. Fortaleza: museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

MOTA, Leonardo. **Violeiros do Norte. Poesia e linguagem do Sertão Nordeste**. 7ª ed. Rio- São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. **Perspectivas da Literatura de Cordel no Ensino Fundamental: Poesia Popular nos livros didáticos**. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguista y Filologia de América Latina (ALFAL 2014) , JOÃO PESSOA, PB. Disponível em: www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0486-2.pdf. Acesso em: 18 de maio de 2016.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **O Ensino de Literatura Popular no Curso de Letras em Instituições Públicas do Nordeste**. Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular. Londrina, n. 15, p. 79-105, jan-jul 2013. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/JosivaldoCustodio.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2016.

TUFIC, Jorge. **Curso de arte poética**. Fortaleza: Ed. Livro técnico, 2002.

